



## Escola Bíblica Dominical

### LIÇÃO 13

### A PRIMEIRA PURIFICAÇÃO DO TEMPLO<sup>1</sup>

#### Texto-base: Jo 2.13-25

Esse evento é bem conhecido em parte por causa da diferença em cronologia de sua contraparte nos sinóticos. O que João apresenta no início de seu evangelho e do ministério de Jesus, todos os outros evangelhos colocam na última semana da vida de Jesus. Muitos simplesmente afirmam que houve apenas uma purificação; contudo, as diferenças dos relatos apontam para a maior probabilidade de terem ocorrido duas. Isso porque a sequência das três Páscoas em João (cf. 2.13, 6.4 e 11.55; e, além dessas três referências, é razoável pensar que a menção em 5.1 também seja à festa da Páscoa) dá claramente a impressão de que essa é a primeira visita de Páscoa de Jesus, sugerindo um quadro cronológico para o evento.

Não apenas há numerosas diferenças de detalhes, como qual texto bíblico foi citado (cf. Mc 11.17), mas também a disputa no julgamento de Jesus – sobre o que as falsas testemunhas dizem sobre as declarações de “destruir o templo” – sugere que um período mais longo que uma semana passara desde que elas haviam sido feitas (cf. Mc 14.55-59). É plausível que esse incidente, se aconteceu duas vezes, não teria causado tamanha agitação da primeira vez, já que Jesus ainda era desconhecido. Também é fácil vez por que uma repetição da “ofensa” teria enfrentado uma reação mais enérgica, porque agora não seria mais um descuidado ato de infração por entusiasmo excessivo. Inclusive, essa sua ação não deve ter gerado um tumulto turbulento, ou teria havido rápida represália por parte das tropas romanas na fortaleza de Antônia, da qual era possível supervisionar a área do templo, e que dava acesso ao outro pátio através de dois lances de escada.

Enfim, embora a alternativa de ter ocorrido apenas uma purificação do templo (com João, no caso, descronologizando-a para encaixá-la tematicamente com a narrativa dos primeiros capítulos de seu evangelho, a fim de demonstrar logo no início o caráter do ministério de Jesus) não seja impossível, o mais provável é ter ocorrido duas purificações, tanto porque as diferenças entre os relatos ultrapassam as semelhanças, como porque cada evangelho parece dar um ambiente específico para a purificação que cada um descreve.

Bem, independentemente de como se toma a cronologia, uma olhada no evento mostra como ele levanta a questão da autoridade de Jesus. Na parte externa do templo (fora inclusive do pátio dos gentios), especialmente na região do Vale do Cedrom, havia um serviço provido para conveniência dos adoradores (conferir ilustração ao final): tratava-se da venda de bois, ovelhas e pombos para sacrifícios. O serviço implicava que peregrinos viajando longas distâncias não precisavam viajar com os animais do sacrifício, que tinham de ser mantidos sem mancha para serem qualificados. Além disso, cambistas proviam as moedas para pagamento da taxa do templo de meio-siclo (meio-*shekel*) anual, porque os denários romanos e dracmas áticas não eram moedas permitidas no templo.

Pode ser que esses serviços tivessem sido movidos recentemente para a área interna do templo (provavelmente, o pátio dos gentios), de modo que a possibilidade de animais se perdendo e profanando o templo era muito real, além de essa ocupação representar uma obstrução à adoração por parte dos gentios tementes ao Deus de Israel. O problema com os cambistas não era uma questão de exploração econômica, a despeito das leituras populares da cena que retratam a questão dessa forma. A afirmação de Jesus não é que eles fossem culpados de práticas comerciais desonestas ou que necessariamente estivessem de conluio com as autoridades sacerdotais do templo para explorarem os peregrinos, mas que eles simplesmente não deveriam estar na área do templo.

A ação de Jesus no templo, pois, foi fundamentalmente profética, para por a nação em uma direção nova e anunciar a chegada de um personagem central no programa de Deus, já que havia a expectativa de que o Messias tomaria parte em uma adoração renovada no templo.

Jesus, então, faz um chicote, provavelmente de ramos, e expulsa os cambistas junto com seus animais, enquanto vira suas mesas. Quem se surpreende com a possibilidade de Jesus ter usado força física contra os animais provavelmente nunca teve a experiência de tocar gado por ruas e espaços abertos de cidades fervilhantes; simplesmente não é possível expulsar gado e ovelhas sem um chicote de cordas (lembrando que naquela época cães ainda não eram utilizados para esse fim).

Enquanto ordena que saiam, ele proclama que eles não devem transformar a casa de seu Pai num mercado. Há uma alusão aqui a Zacarias 14.20,21, que é uma descrição do Reino messiânico. Assim, na era messiânica, nenhum comércio será permitido no templo. Percebe-se, assim, o ato de Jesus em termos messiânicos como um ato de purificação para preparar o templo para a nova era. Talvez seja melhor dizer, tomando a localização antiga desse evento como chave, que o ato foi uma purificação escatológica cuja força exata não ficou, de início, clara para aqueles que o presenciaram; no contexto do ministério posterior de Jesus, entretanto, sua plena força se tornaria clara.

Igualmente, pode haver aí uma alusão a Malaquias 3.1,3: “E então, de repente, o Senhor que vocês buscam virá para o seu templo; [...] purificará os levitas e os refinará como ouro e prata”. Isso significa que esse ato de simbolismo profético era uma denúncia da adoração que não era pura (cf. também Ez 10.15-19; 11.22,23). Era um convite profético para se adorar a Deus de coração, sem clamor ou influências que distraíssem a atenção. Ao mesmo tempo ele conduz a um tema relacionado: o próprio templo, o ponto focal em que Deus e os crentes se encontram, em que Deus aceita os crentes por causa de um sacrifício de sangue, será ultrapassado por outro ‘templo’, outro sacrifício (w. 18-22).

Era crença no judaísmo que a nova era viria com uma pureza de adoração, incluindo uma justiça que o Messias traria (cf. Is 9-11). Se a questão era de quem Jesus recebera autoridade para fazer isso (2.18), sua referência à casa de seu Pai é uma pista para a resposta. Os discípulos ligaram (não fica claro se no momento ou somente após a ressurreição, cf. v. 22) o evento a Salmo 69.9, que descreve o coração fiel de um sofredor justo para com Deus. Aqui, a lembrança reconhece que é graças ao zelo justo pela casa de Deus que Jesus age. E a ideia daquele zelo consumindo-o pode ter um duplo sentido nesse contexto, não só impelindo sua ação naquele momento, mas também que a devoção e a dedicação sincera levariam Jesus à morte. A preocupação de Jesus é com uma adoração pura e verdadeira, um correto relacionamento com Deus, como se pode ver logo mais adiante em Jo 4.24.

O pedido dos judeus por um sinal é um chamado para autenticar o direito de agir como um profeta ou um personagem escatológico purificador. A expectativa é por algum sinal cósmico do céu. Em vez disso, no entanto, Jesus aponta para o que será o grande sinal que glorifica o Pai e o Filho: sua morte e ressurreição.

Em um severo mal-entendido do tipo que com frequência é apresentado no evangelho de João, a liderança judaica pensa que Jesus está falando do prédio físico do templo. Certamente, o que levou cinco décadas para ser construído não poderia ser reconstruído em três dias, objetaram os líderes.

João explica que Jesus, na realidade, estava se referindo (no v. 19) a seu próprio corpo, aquele corpo no qual a Palavra tornou-se carne (1.14). O Pai e o Filho encarnado desfrutaram de habitação mútua única (14.10,11). Portanto é o corpo humano de Jesus que unicamente manifesta o Pai e torna-se o ponto focal da manifestação de Deus ao homem, a habitação viva de Deus sobre a terra, o cumprimento de tudo o que o templo significava e o centro de toda a, verdadeira adoração (contra todas as outras reivindicações de ‘lugar santo’, 4.20-24). Nesse ‘templo’, o sacrifício definitivo aconteceria; após três dias de sua morte e sepultamento, Jesus Cristo, o verdadeiro templo, levantar-se-ia dos mortos.

### Aplicação / perguntas para discussão:

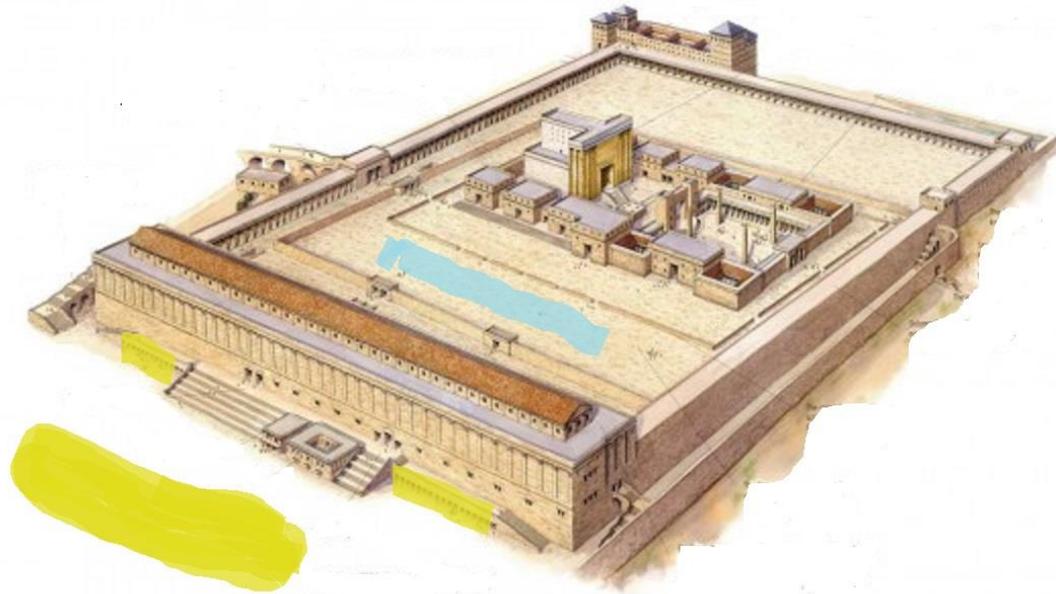
- ✓ Esses judeus, as autoridades legais, tinham todo o direito de questionar as credenciais de alguém que tinha assumido uma atitude tão corajosa no complexo do templo. Mas a forma em que apresentaram sua pergunta revela duas deficiências críticas. Primeiro, eles não manifestam nenhuma reflexão ou autoexame sobre se, no fundo, eram justas a purificação do templo feita por Jesus e as acusações relacionadas. Portanto, eles estavam menos preocupados com a adoração pura e um correto relacionamento com Deus do que estão com questões de precedência e autoridade. Segundo, se as autoridades tivessem sido convencidas de que Jesus era meramente algum desordeiro insignificante, ou que ele era emocionalmente instável, haveria recursos adequados; o fato de que pediram um sinal miraculoso demonstra que eles alimentavam pelo menos uma suspeita de que eles estavam tratando com um profeta enviado do céu. Mas se é assim, eles estavam fazendo o tipo errado de pergunta - uma que várias autoridades fizeram em outras ocasiões (Mc 8.11; Mt 12.38,39). Um sinal que os satisfizesse, presumivelmente algum tipo de manifestação miraculosa realizada a pedido, teria assinalado a domesticação de Deus. Esse tipo de 'Deus' realmente faz proezas para manter a fidelidade, e esse tipo de fidelidade não é digna de se ter. Na realidade, se as autoridades tivessem olhos para ver, a purificação do templo seria já um 'sinal' sobre o qual eles deviam ter pensado bem e decifrado em termos das Escrituras do Antigo Testamento.
  
- ✓ Jesus via a conexão entre o templo e seu próprio corpo como fundamentalmente tipológica. Temos a tendência a pensar em 'profecia' como uma predição verbal que é 'cumprida' quando o evento predito pela profecia ocorre. Mas há ampla evidência bíblica de que algumas coisas 'preditas' no Antigo Testamento não foram apresentadas como predições verbais, mas como descrições, eventos, pessoas, instituições: os sacrifícios prescritos pela Lei mosaica incluíam algumas características embutidas que forçavam o leitor ponderado a esperar um sacrifício para além deles mesmos; a lei antecipava a santidade do coração; o sistema de sacerdotes esperava um mediador perfeito; Davi e seu reino anunciavam, em sua própria existência, a promessa de um Davi perfeito. Assim, da mesma maneira, considera-se o templo em Jerusalém uma forma tipológica. Era importante que a adoração de Deus em seu recinto fosse pura (2.13-17); é até mais importante reconhecer que o templo em si mesmo apontava para um melhor e final ponto de encontro entre Deus e os seres humanos (cf. 1.51; 4.21-24). Jesus purificou o templo, e também o substituiu, cumprindo seus propósitos.

- ✓ Em seguida à descrição da purificação do templo, João registra que um ministério de sinais específicos se seguiu em Jerusalém. No movimento da narrativa, isso pode bem significar que Jesus não só respondeu ao questionamento dos judeus com uma resposta críptica inicial que apontava para o sinal último final (sua morte e ressurreição), mas também realizou sinais indicativos para salientar suas afirmações ao longo do caminho enquanto estava em Jerusalém. Muitos creram quando viram esses sinais; a Escritura indica, contudo, que a fé fundada somente sobre os sinais de Jesus podia ser espúria, não resultando numa comunhão com Jesus. Há um jogo de palavras em Jo 2.23,24, pois João usa o mesmo verbo grego “confiar” no verso 24 que ele usou para “crer” no verso 23, com um significado levemente diferente (poderíamos parafrasear: ‘o povo confiou em seu nome, mas ele não se confiou a eles’). Diferente de outros líderes religiosos, ele não podia ser enganado por bajulação, seduzido por elogio ou surpreendido por ingenuidade. Jesus conhecia a natureza humana. Em um contexto judaico, isso apontava claramente para quem Jesus é: “Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos” (Jr 17.10).

---

<sup>i</sup> Esta lição é baseada nos livros: **O comentário de João**, de D. A. Carson (Shedd Publicações); **João: introdução e comentário**, de F. F. Bruce (Ed. Vida Nova); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).

Ilustração do monte do templo de Herodes. As partes destacadas em amarelo correspondem a onde tradicionalmente (e, aparentemente, de modo legítimo) ficavam os vendedores e cambistas. As duas partes em amarelo destacadas na edificação eram pavilhões que serviam de 'lojas' para os comerciantes, e a parte maior destacada à frente é o Vale do Cedrom, onde eram armadas barracas para o mesmo tipo de atividade. A parte destacada em azul é o pátio dos gentios, considerado já parte interna do templo, de onde Jesus (provavelmente) expulsou os comerciantes.



COPYRIGHT © 2008 BY CROSSWAY BIBLES